

# VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



## **A CATEGORIA TRABALHO EM DEBATE: ENTRE O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E A EMANCIPAÇÃO HUMANA**

**Emily de Paula Sousa Silva<sup>1</sup>**

**Carlos Marcelo Silva Patricio<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo pautar elementos que contribuam para o debate sobre a categoria trabalho na sociabilidade capitalista contemporânea e das possibilidades de emancipação humana. Para isso iremos apresentar um breve traçado histórico sobre a constituição do homem enquanto ser social que, através de suas habilidades de pensar, planejar e executar, foi capaz, e ainda é, de transformar a si mesmo e o mundo ao seu redor.

### **Palavras-chave**

Trabalho, sociabilidade, emancipação humana.

### **1- Introdução**

Para pensarmos as implicações que envolvem o debate sobre a emancipação humana precisamos inicialmente problematizar o significado de “ser humano” e de como o homem se relaciona dentro das esferas ontológicas denominadas inorgânica, orgânica e social. Desse modo a categoria trabalho se constitui como elemento central para endossar essa discussão tendo em vista que, para alguns autores, representa a categoria fundante do ser social. As

---

<sup>1</sup> Assistente Social. Discente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (MASS) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil. Contato: (85) 9.9697-8379 E-mail: <emily\_depaula@yahoo.com.br >

<sup>2</sup> Assistente Social. Discente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (MASS) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil. Contato: (85) 9.9900-5830 E-mail: <patriciomarcelo@yahoo.com.br >

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



considerações expostas neste artigo foram provenientes das reflexões realizadas durante a disciplina de Trabalho e Sociabilidade do mestrado acadêmico em serviço social- UECE.

## **2- A gênese do homem enquanto ser social em Lukács**

No que diz respeito à sua obra, particularmente sobre as definições de trabalho e ser social, Lukács tinha a preocupação em não apresentar as categorias ontológicas de maneira isolada, mas como um conjunto de complexos de completos que estão em constante inter-relação. Para Lukács, existem três esferas ontológicas: a inorgânica, a biológica e a social.

A esfera inorgânica possui prioridade ontológica por ser a que antecede todos os outros processos de existência representando a relação de dependência que uma esfera tem da outra para existir. Caracteriza-se pela constante tarefa de repor o outro, sempre transformando uma matéria inorgânica em outra matéria inorgânica, como por exemplo: “a pedra se converte em terra, a montanha em vale, a força mecânica em calor, etc. (LESSA, 2007, p. 22).

A esfera biológica é encarregada da reprodução da vida em uma constante tarefa de repor o mesmo. Para caracterizar isto, Lessa cita o exemplo da goiabeira que produzirá goiabas, as quais produzirão sementes e, conseqüentemente, mais goiabeiras (LESSA, 2007, p. 24).

A esfera social, sendo a continuidade das outras duas esferas, caracteriza-se pela capacidade de repor o novo onde, a partir de então, a figura do ser social surge mediado pela capacidade que só o homem tem de acumular conhecimento e experiências de seu passado histórico fundamentalmente por ter a mediação de sua consciência, característica que outros seres não possuem (LESSA, 2007, p. 25). Dito isto podemos considerar que:

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se o outro mineral, a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, por meio da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta (LESSA, 2007, p. 24).

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Vale reforçar que as três esferas estão intrinsecamente interligadas e estabelecem uma relação de interdependência, num movimento dialético de produção e reprodução de si mesma, mas num eterno processo de transição, renovação do ser. O homem, mediado por sua capacidade de prévia ideiação, ou seja, de planejar no seio de sua consciência a sua intenção de agir no mundo, entre processos de teleologia, sendo aquilo que nos leva a fazer escolhas com finalidades, e causalidade, através das condições objetivas do mundo concreto e seus nexos causais, o que desencadeia processos de intercâmbio do homem com a natureza.

Sem transformar essa possibilidade existente no objeto natural em realidade, todo trabalho está condenado a ser infrutífero, impossível. No entanto, o que é conhecido, nesse caso, não é qualquer espécie de necessidade, mas uma possibilidade latente. Não é o caso de que uma necessidade cega se torna consciente, mas de que uma possibilidade latente, e que sem o processo de trabalho permaneceria latente para sempre, é conduzida conscientemente por meio do trabalho à esfera da realidade. (...) Somente mediante o trabalho esses movimentos se transformam de meras possibilidades em habilidades que, num desenvolvimento contínuo, permitem que possibilidades sempre novas amadureçam no homem até converterem-se em realidades. (LUKACS, 2012, p. 140).

Segundo Lukács, o ser social surge quando ocorre o salto ontológico da esfera biológica para a social onde o homem passa a suprir suas necessidades através dos frutos de seu trabalho. O salto ontológico representa aqui o ponto de ruptura que difere as três esferas ontológicas (inorgânica, biológica e social) onde ocorre um salto de qualidade no processo evolutivo.

Nesse caso, a esfera biológica, responsável pela constante reprodução do mesmo, sofre essa ruptura quando a esfera social, capaz de criar e repor algo novo no meio ambiente se dá através da consciência humana e de sua capacidade de acumular informações, o que não é próprio das outras esferas. Com isso Lukács constitui o trabalho como sendo a categoria fundante do ser social capaz de transformar tanto o meio em que o homem vive quanto à forma de se organizar em sociedade. Agora, o homem passa a se desenvolver socialmente baseado no trabalho como fonte mantenedora da vida (LESSA, 2007, p 52).

Dessa maneira compreendemos que a produção e reprodução da vida humana possui uma dupla determinação onde destacamos uma base natural ineliminável e uma transformação ininterrupta de sua base. Nesse processo o elemento central é composto pelo trabalho,

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



atividade fundamentalmente humana. É a partir do trabalho que o ser humano se constitui como tal, mediado pela sua capacidade de pensar, modificando o mundo e a si mesmo numa constante construção do novo onde cria novas necessidades e possibilidades, complexificando cada vez mais a si próprio e a totalidade social em que vive. A partir disso podemos dizer que o trabalho é o que move as relações sociais. (LUKÁCS, 1997)

Em suma, o caráter social condiciona a ação humana assim como esta constrói uma nova sociedade e assim sucessivamente, numa relação dialética entre teleologias e causalidades. Mas esse mesmo trabalho quando expresso dentro da sociedade capitalista sofre alterações a partir do momento que a mão de obra humana passa a ser apropriada pelos meios de produção, deixando o homem de ser dono daquilo que produz. Agora, ele passa a ser visto como um instrumento para a acumulação do capital, desenvolvendo um trabalho explorado e alienado (LESSA, 2007).

### **3- O trabalho no modo de produção capitalista**

O atual estágio do capitalismo apresenta características que, segundo Ricardo Antunes, “a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e aumento monumental do exército industrial de reserva” (ANTUNES, 2009). A intensificação e estímulo ao consumo compulsório desperta não só o crescimento econômico de um país, mas vem acompanhado de alterações referentes à sociabilidade e ao mundo do trabalho. Segundo Antunes (2009), “o sistema do metabolismo social do capital nasce como resultado da divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital” (p. 20). Sabendo disto, podemos reforçar que “o trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensorial. Ela é o material no qual o seu trabalho se realiza efetivamente, no qual é ativo, a partir do qual e mediante o qual produz” (MARX e ENGELS, p. 151, 1989).

Partindo do pressuposto que o trabalho representa do constante intercâmbio do homem com a natureza, ele passa a ter em sua personificação elementos fundamentais para a

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



acumulação de capital. A hierarquização da divisão social do trabalho de forma vertical torna o trabalho humano alienado em sua materialização, pois o indivíduo não produz para o seu próprio sustento, causando um estranhamento do homem para com o produto de seu trabalho.

A manutenção das funções vitais do ser humano denominadas de mediações de primeira ordem passa a ser subordinadas às ditas mediações de segunda ordem que serve para a manutenção da lógica do capital ao introduzir elementos “fetichizadores e alienantes de controle social metabólico” (ANTUNES, 2001, p. 20).

A prática alienada do trabalho humano encontra na propriedade privada e no Estado seus laços mais fortes de garantia de sua existência de tal forma que apenas com a extinção desses é que o trabalho humano poderá ser emancipado da lógica de acumulação de capital. Para Antunes (2009), a complexificação do mundo do trabalho na contemporaneidade abriu espaço para novos entendimentos sobre o que significa o trabalho dentro das novas exigências no meio produtivo baseado pelo capital. Assim, ocorre no modo de produção capitalista a expropriação da substância que conecta o homem ao produto de seu trabalho, tendo em vista que as condições objetivas de acesso aos meios de produção para a realização desse trabalho não pertence mais ao homem, mas está concentrado nas mãos dos detentores de capital. Também vale destacar a relação dialeticamente contraditória no binômio trabalho/ riqueza, onde:

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadoria; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral. (MARX e ENGELS, p. 148, 1989).

Posto isso podemos perceber que os processos de trabalho foram gradativamente deixando de ser algo orgânico e tornaram-se uma obrigação compulsória. “Por conseguinte, não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele” (MARX e ENGELS, p. 153, 1989).

A reificação do trabalho está diretamente relacionada com a expropriação das forças produtivas tornando o trabalhador apenas mais um objeto/ mercadoria a serviço do capital. A crise dos modelos fordistas e tayloristas desencadearam a chamada crise estrutural, atrelada à

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



queda da taxa de lucro, a hipertrofia da esfera financeira, a maior concentração de capital, a crise do Estado de Bem Estar Social e o crescimento do processo de privatizações decorrentes do neoliberalismo (ANTUNES, 2009).

O desenvolvimento tecnológico assume o papel de poder econômico aumentando a competitividade entre os países capitalistas, sendo eles desenvolvidos ou não e, contraditoriamente, promovendo o aumento da carga horária de trabalho e do desemprego estrutural.

De acordo com Harvey (1993, p. 140-141) a acumulação flexível veio acompanhada por níveis altos de desemprego estrutural, destruição e reconstrução de habilidades, baixos salários e retrocesso do poder sindical. Para Antunes:

[...] há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril, e do outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e mais velhos. Há, portanto, um processo de maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora (ANTUNES, 2011, p. 47).

A complexificação da classe- que- vive- do- trabalho decorrente das condicionantes apresentadas acarretou em mudanças na maneira de organização e de luta dos trabalhadores, desencadeando uma tendência neocorporativa que fragmenta e focaliza a intervenção em projetos de mudanças pontuais. Essa segmentação das representações sindicais também foi reforçada pela dificuldade de unir forças entre os trabalhadores terceirizados e os trabalhadores ditos “estáveis”, como se ambos não fizessem parte do mesmo processo de expropriação do sua força de trabalho (ANTUNES, 2011, p. 68).

As transformações ocorridas nos processos de trabalho acabaram também por fragmentar/ setorizar a produção de mercadoria em decorrência da revolução industrial seguida da revolução tecnológica. Gradativamente, o homem que dominava todas as etapas da produção, desde a extração de matéria prima até a elaboração do produto final, passa a se especializar em uma única etapa. O crescimento do setor de serviços e do esfacelamento dos espaços de lutas coletivas também serviu para endossar a ideia de que tanto o trabalho como a luta de classes perdeu sua centralidade na modernidade.



Para Gorz (1982, p. 9) o trabalho tornou-se apenas uma atividade assalariada ou um emprego, além do trabalhador assalariado ter se tornado apenas mais uma engrenagem que movimenta o capital, de modo que “o capital conseguiu, além de tudo o que pudemos prever reduzir o poder operário sobre a produção” (GORZ, 1982, p. 35). Segundo o autor, “o trabalho não é a liberdade porque, para o assalariado como para o patrão, o trabalho é apenas um meio de ganhar dinheiro e não uma atividade com fim em si mesma” (GORZ, 1982, p.10).

Sennet (2009) sinaliza que a flexibilização do trabalho no capitalismo provocou impactos tanto em escala produtiva quanto na maneira do homem se organizar em sociedade. Para ele o homem encontra-se a deriva em seu próprio tempo, sem referências consolidadas a seguir e sem perspectivas de futuro devido a constante sensação de instabilidade tanto de ordem econômica como social e emocional.

Na verdade, essa falta de linearidade em sua vida provocou uma verdadeira corrosão de seu caráter, colocando-o na condição de ter que correr riscos, de procurar garantir sua sobrevivência no dia de hoje, mas sem pensar no amanhã tendo em vista sua incerteza. Nesse cenário homem se torna sem compromisso e lealdade, individualista, imediatista, sem ética, com rebatimentos em sua vida profissional e pessoal (SENNET, 2009).

De acordo com Bauman (2001) o período moderno sofreu uma mudança em seu estado físico, passando do sólido para o líquido. A chamada modernidade líquida é caracterizada pela fluidez, onde sua forma e limites não estão mais previamente definidos quando em seu estágio sólido, mas amoldam-se de acordo com as circunstâncias postas. Há, portanto o derretimento de um referencial rígido dos processos de aprendizagem, de relacionamentos, de trabalho, onde:

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas — os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Diante de todas essas limitações ainda é possível pensar numa outra alternativa de sociabilidade? Embora alguns autores não vislumbrem essa possibilidade por acreditarem na



falência do poder do proletariado por ter sido expropriado de sua força de trabalho não podemos desacreditar nas potencialidades transformadoras provenientes da classe trabalhadora, pois “a esfera do trabalho concreto é o ponto de partida sob o qual se poderá instaurar uma nova sociedade” (ANTUNES, 2011, p. 87).

#### **4- A emancipação humana numa sociabilidade possível**

Compreender que a história se faz mediante múltiplas intervenções e nexos causais é um elemento fundamental para percebermos que o nosso tempo histórico se faz por intermédio de condições objetivas do mundo concreto e que são em si contraditórias, composta por continuidades e rupturas. Portanto, temos a concepção que o homem possui uma essência histórica. Segundo Araújo:

*A historicidade é uma categoria ontológica do ser social, portanto, é parte da própria vida dos homens. É a marca da atividade dos homens, objetivada no mundo concreto. A historicidade é uma categoria do ser e está presente no conhecimento, na medida em que este é concebido como uma relação reflexiva entre o sujeito e o objeto (ARAÚJO, 2003, p. 262).*

Destarte, a história não é relativa e sim processual, presente no movimento do real que a engendra. Desse modo, almejar uma nova sociabilidade não é algo utópico, e sim potencialmente executável. Nessa direção não podemos pensar numa nova sociabilidade sem falarmos em mundo do trabalho e em emancipação humana.

Deparamo-nos com o debate entre duas teses, sendo uma de centralização e a outra de descentralização do trabalho como categoria fundante do ser social, onde a primeira compreende o homem como o ser que tem na força de seu trabalho o potencial de transformar a si e ao meio em que vive; e a segunda acredita que o trabalho humano perdeu seu potencial revolucionário por acreditar que o capitalismo chegou a tal estágio que expropriou por completo a força de trabalho humana em detrimento da sua manutenção.

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Paulatinamente, houve a crescente aposta em mudanças pontuais e focalizada, tendo o potencial revolucionário deixado de ser o horizonte a ser seguido. Porém Antunes endossa que:

[...] uma coisa é conceber, com a eliminação do capital e de seu sistema de metabolismo social, o fim do trabalho abstrato, do trabalho estranhado e alienado; outra, muito distinta, é conceber a eliminação, no universo da sociabilidade humana, do trabalho concreto, que cria coisas socialmente úteis e que, ao fazê-lo, (auto) transforma o seu próprio criador (ANTUNES, 2011, p. 6).

Com isso, Antunes (2011) argumenta que a sociedade capitalista precisa cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais fortemente do trabalho terceirizado, precarizado, informal e mal remunerado. Nesse sentido o capital não tem a capacidade de eliminar o trabalho humano seu do processo de valorização, mas promove a intensificação das formas de exploração do trabalho em um período de tempo cada vez mais reduzido (ANTUNES, 2011, p. 4).

Além disso, devemos observar que a força de trabalho humana é anterior ao modo de produção capitalista. De modo que não é o trabalho que necessita do capitalismo, mas, ao contrário, é o modo de produção capitalista que necessita da força de trabalho humana para a garantia de sua existência. É nesse movimento que o potencial de emancipação humana ganha força, pois não é o capitalismo que faz o trabalho, e sim o trabalho que faz o capitalismo. E partindo do pressuposto que, no percurso histórico, tudo que é construído também pode ser desconstruído, a perspectiva revolucionária de outra sociabilidade ganha fôlego.

Para ser possível a emancipação humana, não basta que o trabalho seja a categoria fundante. O capitalismo não vai morrer por si. E, nesse sentido, o comunismo não é um desdobramento do capitalismo. Para se construir uma nova sociabilidade, é preciso criar um processo de objetivação, consciente e prático. [...] A centralidade política do trabalho é a capacidade que os trabalhadores têm de dirigir o processo revolucionário (PRATES, 2014, p. 197, 198).

A perspectiva do trabalho associado como uma nova forma de apropriação das forças produtivas propõe que os sujeitos poderão eliminar as barreiras entre o tempo de trabalho e o tempo livre, permitindo-o realizar atividades dotadas de sentido que recobrem a satisfação do

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



homem com o produtor de sua produção. Segundo Tonet, o trabalho associado não deve ser confundido com “trabalho cooperativo, trabalho voluntário, economia solidária ou autogestão da economia” (TONET, 2014, p. 228).

Além disso, Tonet (2014, p. 230) afirma que o trabalho associado não depende de uma decisão moral, ética ou política, pois procede das condições objetivas de vida do homem em sociedade. Destarte, o trabalho associado está relacionado com a liberdade, a coletividade, a consciência e a universalidade. Portanto, enquanto houver situações de carência, seja de ordem física ou intelectual, o trabalho associado torna-se impraticável.

Mészáros (2012) endossa que a promessa capitalista de garantir a igualdade e liberdade do homem não passa de um aparato formal, mas que não é capaz de promover a plenitude de existência dos indivíduos. Ao contrário, “a cada nova fase de protelação forçada, as contradições do sistema do capital só se podem agravar, trazendo consigo um perigo ainda maior para a própria sobrevivência da humanidade” (MESZÁROS, 2012, p. 15).

Cada vez que a perspectiva revolucionária não alcança sua universalização a exploração do homem pelo homem ganha força, tendo em vista que a essência humana é o conjunto das relações sociais. Por isso os trabalhadores precisam desenvolver estratégias para apropriar-se dos meios de produção em caráter universal e isso só tem viabilidade por meio de uma revolução. A intenção é a de que o potencial de trabalho humano possa ser desenvolvido em seu favor e não para sua autodestruição.

## 5- Conclusão

Nossa proposta inicial era a de apresentar o debate da centralidade da categoria trabalho como fundante do ser social, tendo como mote seus rebatimentos no capitalismo contemporâneo e as perspectivas de emancipação humana. Nesse interim, vimos que o trabalho é a categoria fundante do ser social, tendo em vista que o homem é mediado por sua consciência, sendo capaz de, num movimento contraditório, ineliminável e ininterrupto de intercâmbio com a natureza, construir sua própria história.

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Porém esse processo orgânico do homem produzir os meios de manutenção da sua existência foi expropriado, fragmentado, alienado a nível global. Com advento do capitalismo e de suas metamorfoses ao longo do seu processo de consolidação, a forma do homem garantir sua sobrevivência foi se remodelando, numa trajetória onde processos coletivos foram cada vez mais individualizados e flexibilizados.

Em decorrência dessa flexibilização várias transformações ocorreram tanto na esfera do trabalho como na maneira do homem se relacionar em sociedade. A perda das certezas sobre seu futuro veio em decorrência da expropriação de seu trabalho, que deixa de ser algo orgânico e tornaram-se uma obrigação compulsória. Esse processo faz com que o homem (humanidade) trabalhe não a seu favor, mas num movimento rebote de autodestruição.

Porém, mesmo que o homem tenha até então sido apartado dos meios de produção e, como consequência, ter sofrido impactos na maneira que deseja garantir suas condições objetivas e subjetivas de vida, ele não perdeu sua capacidade intrínseca de pensar sobre si e sobre o mundo que foi, que é, e que virá. O movimento histórico não teve seu fim decretado, pois ele pode ser constantemente reinventado. Portanto, construir uma nova sociabilidade onde não exista a exploração do homem pelo homem é possível e requer que tenhamos a habilidade de restituir aquilo que nos foi tomado, não de modo pontual e focalizado, mas coletivo e revolucionário.

## 6- Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**- 15 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **O trabalho e seus sentidos**. Revista Debate & Sociedade, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2011.

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ARAÚJO, Liana Brito de C. **A questão do método em Marx e Lukács: o desafio da reprodução ideal de um processo real.** Disponível em Trabalho, Sociabilidade e educação: uma crítica à ordem do capital. (Org.) MENEZES, Ana Maria Dorta de- Fortaleza: Editora UFC, 2003.

BAUMAN, Zygmunt – **Modernidade Líquida** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo.** Tradução de Ângela Ramalho Vianna e Sérgio Góes de Paula- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács-** 3. Ed. Ver. E ampl.- Ijuí: Ed.Unijuí, 2007.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II.** São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **O trabalho.** Tradução de Ivo Tonet. Maceió: 1997.

MARX, K e ENGELS, F. **História** (org. Florestan Fernandes). São Paulo: Ed. Ática, 3ª edição, 1989.

MESZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou barbárie?.** Tradução, Paulo Cezar Castanheira. - [1. ed.,reimpr.]- São Paulo: Boitempo, 2012.

PRATES, Ângela Maria Moura Costa. **Uma reflexão sobre a emancipação humana pelo mundo do trabalho numa nova sociabilidade.** SERV. SOC. REV., LONDRINA, V. 16, N.2, P. 186-203, JAN./JUN. 2014.

VI seminário CETROS  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14º ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TONET, Ivo. **Trabalho associado e extinção do Estado**. REBELA, v. 3, n.2, fev. 2014.